

LOCKE E LEIBNIZ: SOBRE OS TERMOS E O CONHECIMENTO

Samara Conceição de Jesus²¹⁷

Resumo: O presente trabalho tem como intuito apontar os principais pontos do capítulo III, intitulado *Dos termos gerais*, dos *Ensaio sobre o Entendimento Humano* do filósofo John Locke, onde será abordado sobre a existência dos termos em geral e suas significações, além do capítulo XI dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* de Gottfried Leibniz, onde ele vai refutar o pensamento do empirista John Locke acerca conhecimento e das verdades eternas. Assim a apresentação sobre o primeiro capítulo mencionado possibilitará uma compreensão inicial geral das palavras que definem as coisas e em como a existência das palavras, dos termos em gerais tendem a se debater por necessidade, pois o uso das palavras depende da conexão entre o espírito e ideias. Assim, o presente trabalho visa principalmente apresentar uma pequena introdução, mostrando de como só é possível por meio das palavras considerar as coisas.

Palavras-chave: Termos; Ideias; Conhecimento; Verdades; Eternas.

Abstract: The present work aims to point out the main points in Chapter III of the *Essays on Human Understanding*, entitled *From the General Terms*, by the philosopher John Locke, where it will be addressed about the existence of the terms in general and their meanings and chapter XI of the *New essays on leibniz's human understanding*, where he will refute the empiric john locke's thinking about knowledge and eternal truths. Thus the presentation on the first chapter mentioned will enable a general initial understanding of the words that define things and how the existence of words, terms in general tend to be debated out of necessity, because the use of words depends on the connection between spirit and ideas. Thus, the present work aims mainly to present a small introduction, showing how it is only possible through words to consider things.

Keywords: Terms; Ideas; Knowledge; Truths; Eternal.

Parte I

²¹⁷Acadêmica em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe, bolsista PIBID/CAPES. E-mail: samarac@academico.ufs.br. Orientador: Prof. Dr. William de Siqueira Piauí.

Para Locke a linguagem é um instrumento, um artefato inventado pelo homem. Para entender a natureza da linguagem, é necessário entender para que ela serve, qual é a função da linguagem, qual é a tarefa que ela se pretende a realizar. Essa função é a comunicação, ou seja, a linguagem é um instrumento para comunicação, cuja finalidade é facilitar a comunicação entre os seres humanos. O que exatamente a linguagem comunica? O que é comunicado pela linguagem? Para Locke o que é comunicado são pensamentos, como pensamentos são coisas privadas, elas estão dentro na mente, não são acessíveis, elas não são manifestadas por si só para o mundo exterior, o homem justamente inventou a linguagem para poder manifestar esses pensamentos para poder coordenar as suas atividades em sociedade. Para comunicar o pensamento o indivíduo usa expressões complexas, sentenças, e essas têm partes. De acordo com Locke, se sentenças são entidades linguísticas de coisas complexas que expressam pensamentos, então as partes das sentenças, os componentes das sentenças que são as palavras, devem expressar ou significar a parte dos pensamentos. Os componentes dos pensamentos são ideias.

Ao iniciar sua discussão sobre os termos em gerais, Locke afirma que todas as coisas que existem são particulares e que poderíamos imaginar que todas as palavras que definem essas coisas também fossem particulares. Porém a maioria das palavras são termos gerais. É impossível que cada coisa possua um termo distinto e particular, como, por exemplo, seria inútil dar um nome particular a cada grão de areia. Se isso fosse feito, o objetivo principal da linguagem seria inútil. Se fosse possível seria necessária uma expansão do conhecimento, uma memória prodigiosa.

As pessoas só aprendem as palavras e só se servem delas nos diálogos, e esses diálogos só são possíveis quando, por meio da comunicação, é despertado no espírito da outra pessoa a ideia do termo comunicado quando pronunciado. Um diálogo não seria possível por meio de nomes particulares, pois uma vez que só eu tenho as ideias dessas coisas no meu espírito, os seus nomes não seriam significativos para um outro que não conhecesse todas as coisas particulares do meu conhecimento. As palavras sozinhas não serviriam para aumentar o nosso conhecimento. Em momentos onde é possível mencionar nomes particulares, os homens se servem de nomes próprios, que se dá também a países e lugares, rios e montanhas.

Locke afirma a necessidade de investigar como as palavras gerais se tornam, de como elas são possíveis, e aponta que elas se tornam gerais quando intuídas como sinais de ideias gerais, "...as ideias tornam-se gerais quando as separamos das circunstâncias temporais, de

lugar, e de toda e qualquer ideia que possa delimitá-la a tal ou a tal existência particular”. (LOCKE [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 556). Para compreender melhor, ele introduz explicações sobre as noções e os nomes que o homem recebe desde o início, dando exemplo da primeira infância. Por exemplo, quando uma criança usa dois termos como ama e mãe, essa ideia é a própria pessoa, sendo unicamente particular, essa ideia está gravada no espírito. Esses dois termos não servem somente para uma pessoa, pois, quando crescer, o indivíduo que passou pela primeira infância perceberá que eles servem para outras pessoas. Sobre a ideia de homem, Locke diz que da mesma maneira que se adquire a ideia geral é fácil de chegar a noções mais gerais.

As ideias simples não podem ser divididas em ideias mais simples, elas são uniformes e são involuntárias, ou seja, elas não são produzidas pela operação do intelecto, elas são impressas na mente, justamente pela relação que existe entre os órgãos dos sentidos e a natureza, nesse sentido elas são involuntárias, elas são causadas no indivíduo pelo ambiente, elas são uma palavra adquirida naturalmente. Já as ideias complexas são produzidas por operações do intelecto, ou seja, são combinações de ideias mais simples que produzem ideias mais complexas.

É apenas pela mesma forma que o espírito forma a ideia de termos como corpo, de substância, ser e entre outros termos gerais que se aplicam a todas as ideias que pode se ter no espírito.

Numa palavra, todo este mistério dos géneros e das espécies, a propósito do qual se faz tanto barulho nas escolas, mas que, fora delas, é com razão tão pouco considerada, todo este mistério, dizia eu, se reduz unicamente à formação de ideias abstractas, mais ou menos abrangentes, e dos nomes com que as designamos. O que há de constante em tudo isto é que cada termo mais geral significa uma certa ideia que mais não é do que uma parte de cada uma daquelas que estão contidas sob elas. (LOCKE, 2014, p. 558).

Ao dar uma definição a uma palavra, ou seja, uma significação, um significado a um termo "nós nos servimos do genus, ou o próximo termo mais geral, sob o qual está compreendida." (LOCKE, [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 559). Isso não se faz por uma necessidade, mas para evitar a dificuldade de enumerar as diferentes ideias simples, ideias são coisas individuais e inacessíveis para as outras pessoas, elas são essencialmente privadas e essa propriedade de serem privadas tem algumas consequências interessantes. Por exemplo, a ideia que Maria tem de justiça vai ser diferente da de João, justamente por a ideia ser um item mental particular. O mesmo acontece com o termo homem, o autor diz que se alguém desejasse conhecer a ideia da sua significação "...é uma substância sólida, extensa, que

tem vida, sentidos, movimentos espontâneos e faculdade de raciocínio"(LOCKE, [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 559). Esses adjetivos dados ao termo homem, definem e deixam claro sua significação, tornando o sentido da palavra homem fácil de ser compreendido, como na definição aristotélica de homem como sendo animal racional, que é formada por gênero (animal) e diferença específica (racional):

Na explicação desta palavra homem, eu segui a definição vulgar das escolas que, embora não sendo talvez a mais exacta, serve bastante bem para o fim a que me propus. Pode-se ver, por este exemplo, o que é que deu lugar a esta regra que diz que uma definição se tem de compor de genus e differentia; e isto basta para mostrar a pouca necessidade de uma tal regra, ou a pouca vantagem que há em observá-la exatamente. (LOCKE, 2014, p.559-560).

As ideias simples são atômicas, ou seja, elas não podem ser divididas em ideias mais simples, elas são uniformes e são involuntárias, ou seja, elas não são produzidas pela operação do intelecto, elas são impressas na mente, justamente pela relação que existe entre os órgãos dos sentidos e a natureza, nesse sentido elas são involuntárias, elas são causadas no indivíduo pelo ambiente, elas são, numa palavra, adquiridas naturalmente. Já as ideias complexas são produzidas por operações do intelecto, ou seja, são combinações de ideias mais simples que produzem ideias mais complexas. Esse tipo de empirismo, ou seja, a ideia de que todo material de pensamento é dependente da experiência, ou é em última instância fundada na experiência, tem a seguinte consequência. Como as experiências das coisas e do mundo são bastante diferentes, então as ideias que se tem das mesmas coisas também serão diferentes, então, por exemplo, a ideia de ouro para um vai ser muito diferente da que um ourives tem de ouro, porque esse tem mais intimidade com esse tipo de material, o que o permite ter uma ideia mais sofisticada de ouro. Conforme o curso de experiência do sujeito, ele vai associar ideias diferentes às mesmas coisas. Isso parece ter uma consequência importante para teoria dos significados, a ideia intuitiva do sujeito é que os significados são coisas compartilhadas, elas são comuns, mas como significados são ideias para Locke parece que significados das palavras são individuais e variáveis. Ou seja, as definições são as explicações dos termos, deixando evidente a ideia que ela significa.

Sobre definições o autor diz que não é nada mais do que um conjunto de palavras para definir outra, mas ele complementa dizendo que será necessário abordar posteriormente, o que será feito no capítulo seguinte. Desse modo, observando o que foi dito, é necessário retornar às palavras em geral, o autor diz que o que os indivíduos chamam de geral e universal não está na existência real das coisas, mas é a obra do entendimento que está para seu uso próprio e se reporta a palavras ou ideias. É necessário ainda saber que o termo espécie não significa apenas

uma coisa, porque se fosse não seria um termo geral. Assim, ele define palavras gerais como uma espécie de coisas e cada palavra ganha esse significado ao se tornar sinal de uma ideia que se tem no espírito.

"Mas a universalidade não pertence às coisas em si mesmas, que são todas particulares na sua existência própria, mesmo as palavras e as ideias cuja significação é geral." (LOCKE, [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 560). Ou seja, quando as coisas particulares são deixadas de canto, as coisas gerais são apenas produção do espírito, cuja função é dar significado a várias coisas particulares. Locke deixa evidente que espécie de significação pertence às palavras gerais, já que essas não significam apenas uma coisa, algo particular "... pois que, nesse caso, não seriam termos gerais, mas nomes próprios" (LOCKE, [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 561). O autor diz que, por outro lado, é visível que não existe uma pluralidade ou universalidade de coisas, porque senão homem e homens teriam o mesmo significado. Desse modo, as palavras gerais significam uma espécie de coisas, e cada palavra adquire um significado ao se tornar um sinal de uma ideia abstrata. As essências de cada espécie das coisas são essas ideias abstratas. E aí ele dá um exemplo de que ser homem é a mesma coisa que ser da espécie humana, e ser ou ter essa espécie é a mesma coisa que ser essencialmente homem. Ou seja, o termo homem traz consigo a essência da espécie "homem".

Quando se tem ligação entre os termos gerais e seres particulares, as ideias abstratas são como um meio de ligação, de maneira que as essências das espécies não são as ideias do espírito. Ainda nesse parágrafo ele diz que duas espécies não podem ser uma só espécie da mesma forma que essência, duas essências não podem ser de uma espécie.

Sobre as medidas dos nomes e os limites das espécies não seria surpresa ouvir que são obras do entendimento "se se considerar que há pelo menos ideias complexas que, no espírito de diversas pessoas, são, muitas vezes, diferentes colecções de ideias simples." (LOCKE [*Ensaio sobre o Entendimento Humano*], 2014, p. 564). Locke vai dizer que cada ideia distinta é uma essência distinta e que os nomes que dão significados às ideias são coisas essencialmente diferentes.

Nas escolas se atuou fortemente sobre gêneros e espécies, esses foram temas de grandes disputas, diz Locke, e o termo essência perdeu nesse ponto a sua primeira significação. As coisas só estão ordenadas em espécies, e espécies acabam por ser a ideia abstrata significada pelo nome geral ou específico.

Mas quando não houvesse nenhuma razão contra uma tal hipótese, esta suposição de que poderá haver essências que não seríamos capazes de conhecer, e que, no entanto, consideramos como sendo aquilo que distingue as espécies das coisas, é de tal maneira

inútil e tão pouco vantajosa para se avançar em algum dos campos do nosso conhecimento que só isto bastaria para fazer com que a retirássemos, e para nos obrigar a contentamo-nos com estas essências das espécies das coisas que somos capazes de conceber, e que, depois de sobre isto termos reflectido, verificaremos tratar-se afinal dessas ideias complexas abstratas às quais ligamos certos nomes gerais. (LOCKE, 2014, p. 567-568).

As essências são nominais e reais, nas ideias simples elas são sempre o mesmo. quando essas essências quanto a substâncias são completamente diferentes. Por exemplo, quando uma figura que ocupa um espaço por meio de quatro linhas, a essência é um quadrado, tanto real como nominal, porque não é somente a ideia abstrata que o nome geral se liga, mas sim a essência.

Em suma o capítulo é finalizado apresentando as complicações entre gênero, espécie e essência, o homem, ele chegou à forma das ideias, com os seus termos e fixou no espírito, e que só por meio das palavras ele pode se tornar capaz de considerar as coisas, as palavras e suas significações. A associação entre palavras e ideias é arbitrária, o indivíduo pode usar qualquer som, qualquer símbolo para significar uma ideia qualquer, não existe nenhuma conexão intrínseca entre a palavra e a ideia que ela significa.

Parte II

No capítulo XI dos *Novos ensaios sobre o entendimento humano* de Gottfried Leibniz, Filaleto, personagem que representa Locke, afirma a tese que só a existência de Deus tem uma conexão necessária com a do indivíduo, e que as ideias que o ser racional pode ter de algumas coisas não provam a existência delas. O autor diz que a certeza que tem do branco e do preto sobre um papel pela sensação é tão grande como a dos movimentos, e que só é ultrapassada pelo conhecimento da própria existência e da existência de Deus, o que ele chama de conhecimento, essa certeza de ter movimentos, de saber a cor do papel, de sentir e etc.

Em seguida, Filaleto diz que as percepções das coisas sensíveis são produzidas por causas externas, que afetam os sentidos, visto que não se adquire essas percepções sem os órgãos e se os órgãos fossem suficientes, eles as produziram sempre. Algumas das percepções são produzidas do ser com dor, embora depois o indivíduo se recorde disso sem resistir nem um incômodo.

Ainda nesse parágrafo, o autor afirma que embora as demonstrações matemáticas não dependam dos sentidos, todavia o exame que se faz dela, serve para demonstrar a evidência da vista e parece conferir-lhe uma certeza que se aproxima da certeza da própria demonstração. Os sentidos dão testemunhos um ao outro (o conhecimento) se alguém que vê o fogo e duvidar

pode tocar nele para sentir e ter a certeza de que é o fogo. Ao escrever isso o autor diz que pode mudar as aparências do papel e dizer antecipadamente que nova ideia ele vai afirmar ao espírito: porém quando esses caracteres estiverem traçados, não pode mais evitar de vê-los tais quais são, e além disso a vista desses caracteres fará um outro homem pronunciar os mesmos sons.

No final do parágrafo o autor diz que se alguém pensar que tudo isso não passa de um sonho, poderá sonhar, se lhe agrada que lhe dará essa resposta.

A nossa certeza, fundada sobre o testemunho dos sentidos, é tão perfeita quanto a nossa natureza o permite e a nossa condição o exige. Quem vai acender uma vela e sente o calor da chama que lhe faz mal se não retirar o dedo não exigirá uma certeza maior para regular a sua ação, e se este sonhador não o fizesse, encontrar-se-ia acordado. Por seguinte uma tal certeza nos é suficiente, pois é tão grande quanto a certeza do prazer e da dor, duas coisas além das quais não temos interesse algum no conhecimento ou existência das coisas. (LEIBNIZ, 1984, p.360-361).

Leibniz começa a discussão neste capítulo apresentando o que já foi debatido em diálogos anteriores que a verdade das coisas sensíveis se justifica pela ligação a qual depende das verdades intelectuais, que são fundadas na razão, e das observações constantes nas próprias coisas sensíveis, mesmo quando a razão não está presente.

A razão e a observação dão a possibilidade de julgar sobre o futuro em relação ao interesse e que o evento corresponde ao julgamento razoável, não se pode exigir possuir uma certeza maior com respeito a esses objetos. O amigo de Deus continua dizendo que se pode também explicar os próprios sonhos e a pouca conexão com outros fenômenos. Afirma ser necessário entender a apelação do conhecimento e da certeza além das sensações atuais, pois ele considera a clareza e a evidência como uma espécie de certeza.

A certeza comum conhecimento de verdade, a evidência seria uma certeza luminosa, isso é, onde não se duvida devido à causa da conexão que se enxerga entre as ideias. Filaleto diz que pelas memórias somos certificados de muitas coisas que passaram, porém não se pode julgar bem se elas ainda subsistem. Só conhecemos outros espíritos por revelação e deles só se tem a certeza da fé.

Sobre a memória, Teófilo diz que já foi observado que nos enganemos várias vezes. Filaleto afirma existir duas espécies de proposições, uns particulares e sobre a existência, como por exemplo que lobos existem, as outras gerais sobre a dependência das ideias como por exemplo que os homens devem obedecer a Deus. A maior parte das proposições gerais e certas levam o nome de verdades eternas, e na realidade todas elas são. Porque estamos certos de que se uma criatura provida de faculdades e de meios para isso aplicar os seus pensamentos a consideração das suas ideias encontrará a verdade dessas proposições.

Teófilo concorda com Filaleto em questão a proposição de fato e das proposições da razão, complementa dizendo que as proposições de fato podem tornar se gerais de alguma forma, porém isso acontece pela indução ou observação, de maneira que é apenas uma multidão de fatos semelhantes, como quando se observa que todo mercúrio se evapora pela força do fogo.

As proposições gerais de razão são necessárias, embora a razão fornece também algumas que não são absolutamente gerais, e são apenas prováveis, como por exemplo quando presumimos que uma ideia é possível, até que se descubra o contrário, através de uma pesquisa mais exata. e conclui esse parágrafo dizendo que existem proposições mistas, as quais são retiradas de premissas, das quais algumas provém dos fatos e das observações, e outras são proposições necessárias, que são uma série de conclusões geográficas e astronômicas sobre o globo da terra e sobre o curso dos astros. Como o uso do mestre da lógica a conclusão segue a premissa mais fraca e não podem afirmar mais do que a certeza e a generalidade que pertencem às observações.

No que concerne às verdades eternas, cumpre observar que no fundo elas são todas condicionais e dizem com efeito: supondo-se tal coisa, acontece esta outra coisa. Por exemplo, dizendo: Toda figura que tiver três lados terá também três ângulos, não digo outra coisa senão que, supondo que exista uma figura de três lados, esta mesma figura terá três ângulos. (LEIBNIZ, 1984, p. 363).

Por exemplo, dizendo: Toda figura que tiver três lados terá também três ângulos, não digo outras coisas senão que, supondo que existe uma figura de três lados, esta mesma figura terá três ângulos. As verdades eternas são condicionadas, e no exemplo da figura acima é nisso que as proposições categóricas diferem daquelas que denominamos hipotéticas, embora seja hipotética muitas vezes possa ser transformada e categórica, porém mudando um pouco os termos.

Assim, uma vez que essas verdades necessárias são anteriores às existências dos seres contingentes, é necessário que elas estejam fundadas na existência de uma substância necessária. É ali que encontro o original das ideias e das verdades que estão gravadas nas nossas almas, não em forma de proposições, mas como fontes das quais a aplicação e as ocasiões darão origem a enunciados atuais. (LEIBNIZ, 1984, p. 363).

Por fim o autor introduz o último fundamento das verdades, ou seja, a esse princípio supremo e universal que não pode deixar de existir, cujo entendimento é a região das verdades eternas, as verdades necessárias contêm razão determinante e o princípio regulador das próprias existências, e numa palavra as leis do universo.

Referências Bibliográficas

O Manguenzal – Revista de Filosofia
São Cristóvão/SE, v.1, n. 12, jan. - jun. 2022, ISSN: 2674-7278.

LEIBNIZ, G. W. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Trad. Luiz João Baraúna. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Os Pensadores).

LOCKE, J. *Ensaio sobre o entendimento humano*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014. (Volume II)